

**TIPOS DA RUA**

O vendedor ambulante soltando o seu pregão:  
 --Quem compra... quem quer a bella panela franceza?!  
 Boa e barata!!!

*Braga 1893*

Braga 16 de Julho

## O pé de... carteira e a situação

Não são decorridas quatro semanas, sobre o entusiasmo fulgêncioso dos festejos do Santo do carneiro, e já se falla em novas festas de palha.

Sim leitor amigo e conivente, para não dizer convenientemente, falla-se de uma festa de kermesse, e, quem *quer-messe*, pede palha, que é equivalente.

Quem viu a prempidão immediata, com que a nossa gente abriu as mãos, os bolsos e tudo á grande subscripção da grande commissão, auxiliadora da Irmandade do referido santo, e iniciadora de extraordinarios festejos ao mesmo, devia ter ficado *banzaco* de espanto perante tanta abertura!

Não menos devia flear, se lhe perpassasse pela mente a recordação da subscripção nacional, em defeza das nossas viduas, vidas e virtudes, contra o incansavel e infatigavel violador inglez!

Que desonradadora comparação!

Agora tudo aberto; outr'ora nem o musculo do patriotismo, tudo fechado, e, se alguma coisa se abria, era para cheirar mal, porque essa mesma estava tão fechada, que nem um feijão gallego lá cabia.

O caso porém é que essa encommoda electrificação ingleza serenou, apesar de não estar competamente afastada, porque os nossos e outros vinhos, os nossos e outros alcooes, ainda para lá vão.

A nossa paehorra viu se em *calças pardas*, e ameaçada na sua quieta e inoffensiva indifferença, mas a *trêta* alcançou algumas treguas e nós continuamos com as festinhas de outros tempos.

Emquanto o pau vai e vem folgam as costas.

Toca a reinar.

Para hoje chega, amanhã Deus dará.

Que importa o odio e a maldição nas vinhas?

Que importa o philoxera e outros males?

Que importa o rheumatismo, a escrofula a síphilis, a tísica nas vidas?

Que importa a falcatura, a hypoerisia nas virtudes?

Que importa o verme no credito?

Que importa a tempeira no cambio?

Que importa a trovoadas de hontem, o tufão de amanhã?

Que importa a cheia de hoje, a inundação que póde vir?

Que importa a labaroda, o desabamento, tudo enfim, se nós ainda aqui estamos rijos como pèros e capazes de foliar quarenta dias e quarenta noites?

Levo o diabo tristezas e coisas taes, esta vida não chega a netos nem a filhos com barba, vamos conservando e demollhando as nossas, que as temos honradas, e o que for sorrá.

Entretanto venha a kermesse, venha a aproveitada idéa da «Lucta», venham as cantas das irmandades e confrarias, dos frades e padres, que nada fazem sem ellas, venha a panlega, venha a «Tristia», a «Ala ría», os periodiquinhos, os *clubinhos*, venha tudo e venha bem, mas *venha* a moto e com moto, porque os que p'gam, Siamozes ou não Siamozes, de um lado ou do outro, também são animages de carne e osso, e a nós custa ver sobrecarregados os animagos, apesar de não sermos protector official.

Sempre gostamos de nos utilizar dos ditos, mas com goite e moderação.

É possível que nos achem *dura*, mas nem sempre.

O fim d'essa kermesse eremos ser agradavel a repubblicanos e monarchicos, a judeus e christãos e a todos que se possam de ser gente de qualq'r cor e decoraça.

Nós, sem conleição, e descorados, por muito algum queremos acimir tão sym-

pathica edeia, até sentimos por ella umas coegas de applauso e satisfação; mas francamente é muito; Braga actual faz lembrar o bom fr. Bartholomeu dos Martyres; só lhe falta dar... o oito to l'es.

Diz no-bão que quem póde da, e dá o que póde, e quem não póde não da.

Ora isto é bom e dizer.

Não sabe quem a-sim falla, que *noblessa oblige*, e que muitos dão a custo, e com fugimento, para manter a posição vertical!

Ora meu amigo aqui esta quem já *deu* bastante, até mais do que podia, e que continuará a *car* enquanto no ventre... da carteira houver uma de moio; mas isto tudo é porque... *ó a gente e ta ás orçens, meu caro senhor, tuó o que estiver ao meu alcance, eu nunca deixei de apciar estas sympathicas manifestações, o meu obulo não faltará quando seja para uma applicação vantajosa.*

Dito isto, arranca da carteira, solta um gemido intimo, e entrega o ultimo lampejo do seu bolso, uma nota de moio to-tão.

—Por outra: V. Exc.<sup>a</sup> vai á kermesse.

—Vou, pois então não hei de ir. Para uma coisa tão *generosa* não póde haver hesitações.

Envergonha-se de dizer, que não; voltou-se para dentro e disse:

—O' Antonio, não sabes, affirmei a fulana que não faltava á kermesse, e só temos o dinheiro das compras.

—Não tem duvida, esse chega, amanhã vai a creada por casa de fulano, e leva um cartão meu.

Porque tudo falla e tudo consome, tudo está pelintia, mas como ninguem quer sel-o...

Isto é a-sim; mas rende, é o que se quer.



## PICUINHAS

Quem é que n'esta cidade

Só falla como um pavão?

Ora quem... quem ha de ser?

O doutor Brandão.

Quem é que em Villa do Conde

Quer pimpar como os piazões?

Ora quem... quem ha de ser?

O padre Tenões.

Quem é que no parlamento

Fallou imitando os cães?

Ora quem... quem ha de ser?

O gaz Magalhães.

Quem é que em Braga domina  
Com selgada picuinha?

Ora quem... quem ha de ser?

O Borges Grainha.

Quem é que brada poeessa

Messando sempre com t'cha?

Ora quem... quem ha de ser?

A Alma que é Velha.

Quem é que n'essa Alma Velha

Massa com grande sova?

Ora quem... quem ha de ser?

A Alma que é Nova.

Quem é que se ri de tudo

Em nada com fina pé?

Ora quem... quem ha de ser?

A Vespa... a Vespa é.

Mago-roca.

## E' FORTE GALLINHA

E' forte gallinha a da luz electrica.

Desde os seus primeiros dias de gestação até agora, sempre contrariada pela do gaz.

E porque será? que mal fez ella á tremula velha?

Que rasão para rivalidades?

De um lado, uma senhora feia, vacillante, cheia de fumaças e escorrimientos, do outro, uma manina bonita, firme, cheia de briho e fascinação.

Que mal tem feito esta áquella? Em que lhe é má?

Só se é, em ser boa e melhor.

Não ha motivo, não, leitor, mas é forte mania da veterana, e forte macaca da joven.

Ainda hoje, e assim continuará, esses esquelleto, que sustinham a vula d'essa decrepita, fazem sombra á rapariga nova, não a deixando brilhar como é seu dever.

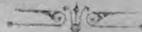
Que má sorte, quando dirás tu, moçoila:

O' que bello rancho da mocidade  
Folguem, jovens, brilha a'lectricidade.

Liberdade, liberdade,  
Quem na tem chama-lhe sua,  
Eu tenho a liberdade,  
Dar luz de noite á rua.

São tam bonitas as lamparinas,  
São tam caldas as libertinas.

Pape



A «Lucta» de 10 do corrente, na «Semana politica» chama ao Sr. Mariano de Carvalho, entre parenthesis, o da *outra metade* e o das *davidas* a companhias particulares.

Isto de *davidas* a companhias particulares revela grande potencia.

Se desse mortes no tempo de pharmaceutico, não admirava, e mesmo se desse vida a familias, ou até a individuos particulares, egualmente não era de espantar, porque a individuos também nós somos capazes de dar, temos como os outros, fórma e sacco.

A questão é de tempo, goite e occasião.



## ZIG-ZAGS

Entre dois maridos novos, dedilhando um d'elles uma guitarra, e e experimentando a voz:

—A minha está estragada desde que casei.

—Pois a minha não, está boa e forte, mas muito grossa.



FOI ASSIM

Subia Procopio a rua de S. Gonçalo, e como viesse já caçado, subiu a lentamente, nem d'outro modo é commodo, porque ella é um calvario.

Sentia se bem no seu caminhar; os pés magoados gosavam a maciez de um tapete.

Achava-se aliviado, nem o caso é para menos, mas de vez em quando recebia na pituitaria um mau cheiro.

Foi andando e as suas botas não faziam ruido nas pedras do trottoir, mas o mau cheiro continuava.

Isto será de mim ou estranho? Investigou, e viu as ditas botas, com umas segundas solas fedorentas que o isolavam do chão e o faziam passear em silencio.

Unvinol-o então bradar contra a electrica e contra o contracto, se assim é, que consente apagada a lampada na quina d'aquella rua.

Nós porém não lhe achamos razão. A rua é um foco, a lampada outro, portanto dois são de mais.

E de resto, ainda que sejamos generoso, concedendo o foco electrico, não podemos ser tanto, até fornecer o foco inteiro; porque se aquella lampada illumina parte do largo e parte da rua, e se as lampadas do largo têm de estar apagadas, por causa dos voltaicos, e por que é do contracto, claramente que o sr. Procopio não tem a razão inteira, e deve contentar-se *co'o meio* da tal coisa.

Pape

DE GALHOFA

ELLES

—Porque será compadre que ha tanta *má lingua* n'esta terra?

—Ora, isso é bem de vêr! Pois então você não sabe que é n'esta terra onde ha mais beatas mais alcoviteiras, mais bisbilhoteiras, mais hypocritas, mais traidores, mais pulhas etc. etc. Por isso a lingua é mais afiada que n'outra qualquer parte.

—Mas esta terra é mais religiosa que qualquer outra.

—Isso é um modo de fallar. Quer ser e parece, mas não é. Por que se o fosse, compadre, não se via o que por ali se vê nem se ouvia o que por ali se ouve. N'es a terra tudo se ouve tudo se cheira, tudo se sa boreia, tudo se apalpa.

—Quer dizer, não ha gente com os sentidos mais apuradinhos que esta santa gente de Braga. Não é tudo, já se vê, e mal estavamos nós se assim fosse... o que é verdadeiramente religioso, onde ha virtude

propriamente dita, não se murmura de ninguém; não lhe importa vidas alheias.

— Pois com certeza compadre. Agora o tartufo, o ocioso, a beata, a mexeriqueira, que é o que mais temos, é lingua por traz, lingua por deante, lingua por cima, lingua por baixo... e lingua, lingua e mais lingua.

—E' a terra da lingua, compadre... mas olhe que nas outras terra é o mesmo, muito principalmente terras pequenas.

—Isso são terras pequenas, mas n'uma terra d'estas já se não pôde tolerar; e sendo religiosa como querem, muito e muito peor.

—E' muito religiosa em obedecer aos mandamentos da igreja. N'esta terra mais do que em qualquer outra ouve-se missa nos dias santificados e até se ouve todos os dias, confessa-se tudo, com poucas excepções uma vez por anno e muitos d'oito em oito dias senão todos os dias, jejua-se e guarda-se abstinencia posto que isto não seja cumprido tanto á risca, e finalmente para sustentar egrejas e padres isso é te ra como não ha outra. Mas no meio de tudo isto ha muita soberba, avareza, luxuria, ira, gula, inveja e preguiça!

—Em toda a parte e em maior escala ha isso.

—Mas esta terra é religiosa, compadre e por isso mesmo devia proporcionalmente peccar menos. E é o contrario... pecca mais e muito mais. Quer vêr?... Olhe, temos a *humildade* representada na figura de um Príncipe Encantado, a *liberdade* n'um Zé da Mica, a *castidade* n'um Rouffe, a *caridade* n'um Fr. Antonio, a *prudencia* n'um marchante, a *temperança* e a *diligencia*, essas nem fallemos, estão e hão de ser muitissimo respeitadas porque uma quarta ou quinta parte da população não as representam mal. Não falta quem coma e beba de mais e quem não se entregue ao trabalho. Por isso já você vê que esta terra é religiosa na apparencia. Ha uma romaria, o que n'ella se encobre é luxuria e gula; luxuria, pelas acções immoraes que se praticam e pelas palavras que se proferem; gula, pelos kilos de doce que se comem e pelos litros de vinho que se bebem. Ha uma procissão, que não symbolisa mais do que a soberba e a inveja; soberba porque nos promotores d'ella não vão lá se não por figurar; inveja por rivalidades que ha no brilhantismo de que são revestidas.

—De modo que o compadre é de opinião que se acabe com as festas, pois olhe que isso não ouvi eu, compadre; n'um se não que aqui ha tempos se prégou.

—Olha o milagre. Pois o sermão era d'um padre e ai d'elle se acabassem as festas mas eu tambem não quero de modo nenhum que acabem as festas. Eu quero as festas na igreja e mesmo fóra d'ella, mas

festas com intenções religiosas e nunca para ostentação, vaidade e orgulho. Porque é que se gastam em procissões trezentos, quatrocentos, quinhentos e seiscentos mil reis? Porquê? Diga compadre.

—Ora, porque se desenvolve a veneração... o culto.

—Qual culto nem qual carapuça!

E porque esse dinheiro não sae das algibeiras dos mezarios, mas sim das caixas d'esmolas. Esse dinheiro que se gasta tão estouvadamente, podia ser gasto com essa pobreza envorgonhada, com essa miseria em que muita gente ta cahido... O tempo, compadre, se encarregará de provar o que digo.

Zoilo.

ENIGMA

Na cabeça tem logar  
Um ponce á frente e em cima,  
D'uma fórma regular  
Que dá graça, até anima.

São mais ou menos redondos,  
E mais ou menos compridos,  
Aguçados? não, só pondo-os  
Com geitos bem repetidos.

Ha muito, quem grandes tem,  
Com prazer n'elles repoua,  
Mas quem não gosta, ha tambem;  
São modos de vêr a coisa.

Toda a gente é adornada  
Com esta formosa peça,  
Ainda leitor, já dentada,  
Finda em os, em e começa.

D. Ruy.

A decifração do enigma do n.º 12 é:—  
PECEGO. Foram decifradores os snrs:—  
Frei Gregorio, Scliet, Latourrette, Manel das Mocas, Frei Thomaz, Arimlap.  
A decifração do enigma do n.º 13 é:—  
TRANCA. Decifram-no os snrs:—Manel das Mocas, Arimlap, Soror Genoveva, e Antão Cutão.

«A VESPA»

Hebdomadario humoristico e de caricaturas

Publica-se aos domingos

PREÇOS: Trimestre 250 reis, semestre 500 reis, anno 13000 reis, avulso 20 reis. Pagamento aiantado.

Redacção e administração rua do Conselho Januario 22 a 26.

BRAGA

Typographia e Lithographia Guedes

Editor responsável

MANOEL JOSÉ DE SOUSA



Agradecendo o exemplar da conferencia: feita na Associação Academica do Porto sobre «A questão religiosa e a liberdade atravez da Historia», exemplar offercido á «Vespa» pelo seu anctor, o exc.º snr. M. Borges Grainha, denodado e brilhante luctador pela democracia, tributamos por este modo o nosso reconhecimento ao intrepido jornalista.

# TRUOCO Á «BARCA DO SALVADOR»



Arago Junior

Olhem meninos vão á creada que lhe dê palha no testo, que nós não temos obrigação de os sustentar, e se não teem que fazer, procurem saber quantos manos teem e intertenham-se a contal-os.  
Digam ao patife do conselheiro das suissas rufas que se penitencie do nefando crime de ter batido na propria mãe e de me fazer mão baixa em certos objectos. Digam-lhe mais que para elle e para os patifes como elle temos um bom chicote.